



# FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Panorama da história e dos fundamentos filosóficos da educação.



INSTITUTO DE TEOLOGIA  
**LOGOS**

# INSTITUTO DE TEOLOGIA LOGOS

*PREPARANDO CRISTÃOS PARA A DEFESA DA FÉ*

*CURSOS DE TEOLOGIA 100% Á DISTÂNCIA*

DISCIPLINA

## FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

*(Organizado pelo Setor Acadêmico do ITL)*

BRASIL, MA

*Versão 2021*

*Pesquisa e Organização do Conteúdo:*

**Instituto de Teologia Logos, EA**

*Gráficos, Edição e Finalização:*

**Instituto de Teologia Logos, EEG**

---

**DADOS DE CATALOGAÇÃO INTERNA DA PUBLICAÇÃO – DCIP**

CÓDIGO DCIP: 001-069-2021-1

CÓDIGO DISCIPLINA: ITLON69

LOGOS, Instituto de Teologia (ORG). **FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO.**

MARANHÃO: PUBLICAÇÕES ITL, 2021. 104 pgs.

---

**Instituto de Teologia Logos – Diretoria de Ensino**

Barra do Corda - MA - Brasil - 65950-000

(99) 98433-5387 | [institutedeteologialogos@hotmail.com](mailto:institutedeteologialogos@hotmail.com)

# SUMÁRIO

<b>1 - A FILOSOFIA COMO SUPORTE PARA A REFLEXÃO CRÍTICA DO EDUCADOR.....</b>	<b>8</b>
<b>2 - FILOSOFIA ANALÍTICA E FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO .....</b>	<b>16</b>
2.1. FILOSOFIA ANALÍTICA .....	16
2.2. FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO.....	18
<b>3 - A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO E OS CONCEITOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM .....</b>	<b>23</b>
3.1. PODE HAVER ENSINO SEM QUE HAJA APRENDIZAGEM?.....	23
3.2. PARÊNTESE: A QUESTÃO DA INTENÇÃO.....	25
3.3. PARÊNTESE: O CONCEITO DE ENSINO.....	27
3.4. PODE HAVER APRENDIZAGEM SEM QUE HAJA ENSINO?.....	29
<b>4 - EDUCAÇÃO, ENSINO E APRENDIZAGEM.....</b>	<b>34</b>
4.1. O CONCEITO DE EDUCAÇÃO .....	34
4.2. PODE HAVER ENSINO E APRENDIZAGEM SEM QUE HAJA EDUCAÇÃO? .....	36
4.3. UM PARÊNTESE.....	38
4.4. PODE HAVER EDUCAÇÃO SEM QUE HAJA ENSINO E APRENDIZAGEM? .....	39
<b>5 - EDUCAÇÃO FORMAL E INFORMAL E A QUESTÃO DOS OBJETIVOS DA EDUCAÇÃO ...</b>	<b>43</b>
5.1. EDUCAÇÃO FORMAL E EDUCAÇÃO INFORMAL.....	43
5.2. A QUESTÃO DOS OBJETIVOS EDUCACIONAIS .....	45
<b>6 - EDUCAÇÃO E DOCTRINAÇÃO .....</b>	<b>51</b>
6.1. CONSIDERAÇÕES GERAIS.....	51
6.2. O CONCEITO DE DOCTRINAÇÃO .....	53
6.3. OBSERVAÇÕES ESPECÍFICAS .....	56
<b>7 - SÓCRATES, PLATÃO E ARISTÓTELES – SUAS FILOSOFIAS E O IMPACTO NA EDUCAÇÃO</b>	<b>61</b>
7.1. AS FILOSOFIAS DE PLATÃO E ARISTÓTELES .....	63
<b>8 - CONTRIBUIÇÕES DA FILOSOFIA CLÁSSICA E MEDIEVAL PARA O PENSAMENTO EDUCACIONAL.....</b>	<b>74</b>
8.1. A RACIONALIDADE DO MITO .....	74
<b>9 - O HELENISMO E O PENSAMENTO MEDIEVAL: UNIVERSALIZAÇÃO DA RACIONALIDADE OCIDENTAL .....</b>	<b>78</b>
9.1. O ESTOICISMO E O PRINCÍPIO DA APATHÉIA.....	79

9.2.	O EPICURISMO E O PRINCÍPIO DO PRAZER .....	80
9.3.	O CÉTICISMO E ABSTINÊNCIA DO SABER .....	81
<b>10 -</b>	<b>O PENSAMENTO MODERNO E A EDUCAÇÃO COMO ILUMINAÇÃO .....</b>	<b>85</b>
10.1.	A EDUCAÇÃO DO HUMANISMO AO RACIONALISMO.....	85
10.2.	O “SÉCULO DAS LUZES” .....	88
<b>11 -</b>	<b>A EMERGÊNCIA DAS IDENTIDADES CULTURAIS E A EDUCAÇÃO NA PÓS- MODERNIDADE .....</b>	<b>91</b>
11.1.	PÓS-MODERNIDADE E AS TEMÁTICAS EDUCACIONAIS .....	92
11.2.	O GÊNERO NA ESCOLA .....	93
11.3.	IDENTIDADES ÉTNICO-RACIAIS E DIVERSIDADE.....	95
<b>12 -</b>	<b>TENDÊNCIAS ATUAIS DA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO .....</b>	<b>97</b>
<b>13 -</b>	<b>OBSERVAÇÕES FINAIS – FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO E TEORIA EDUCACIONAL.....</b>	<b>102</b>

## APRESENTAÇÃO

Seja bem-vindo(a), caro(a) aluno(a)!

Parabéns pela sua decisão de transformação, pois isso também mostra o quanto você está comprometido em contribuir com a transformação da igreja e da sociedade onde você está inserido.

O Instituto de Teologia Logos estará acompanhando você durante todo este processo, pois “os homens se educam juntos, na transformação do mundo”.

Os materiais produzidos oferecem linguagem simples, completa e de rápida assimilação, contribuindo para o seu desenvolvimento bíblico, teológico e ministerial, para desenvolver competências e habilidades e aplicar os conceitos, fundamentos e prática na sua área ministerial, possibilitando você atuar em favor do Reino de Deus com mais excelência. Nosso objetivo com este material é levar você a aprofundar-se no conteúdo, possibilitar o desenvolvimento da sua autonomia em busca de outros conhecimentos necessários para a sua formação bíblica, teológica e ministerial.

Portanto, nossa distância nesse processo de crescimento e construção do conhecimento deve ser apenas geográfica. Utilize todos os materiais didáticos e recursos pedagógicos que disponibilizamos para você. Acesse regularmente a Área do Aluno, participe no grupo online com o tutor online que se encontra disponível para sanar suas dúvidas e auxiliá-lo(a) em seu processo de aprendizagem, possibilitando-lhe trilhar com tranquilidade e segurança sua trajetória acadêmica.



**AULA**  
**01**

# 1 - A FILOSOFIA COMO SUPORTE PARA A REFLEXÃO CRÍTICA DO EDUCADOR

A Filosofia como matéria ligada estritamente ao pensar crítico tem despertado novos interesses em nosso país, principalmente depois que a mesma tornou-se obrigatória no currículo da educação básica. Nas universidades a importância da filosofia para a formação do professor/educador, tem sido motivo de debates, de como pode contribuir na formação destes profissionais que a sociedade afirma serem “formadores de opinião”.

Com este olhar, da importância da filosofia na construção de um suporte para a reflexão crítica do educador, trazemos algumas questões, que não se esgotam, mas servem de instigação para outras reflexões e aprimoramentos.

Vamos partir da definição da palavra suporte. Segundo o dicionário HOUAISS da Língua Portuguesa, a palavra tem três acepções mais comuns:

- qualquer coisa cuja finalidade é sustentar (algo); escora, arrimo, sustentáculo
- aquilo que dá suporte, que auxilia ou reforça; reforço, apoio
- peça em que (algo) é fixado ou assentado

Assim, colocando o tema em análise, de que forma a Filosofia, enquanto ramo do conhecimento humano acumulado historicamente pode servir de suporte, de sustentação, de reforço, de apoio ou ainda, de base, para uma reflexão crítica do Educador?

Num mundo onde o pragmatismo impera, onde se buscam resultados práticos na ação do homem, a filosofia pode ser vista de uma forma pejorativa e que não atende a interesses políticos, econômico e até ideológicos.

Sob este aspecto CHAUI comenta:

“Ora, muitos fazem esta pergunta: afinal, para que filosofia? É uma pergunta interessante. Não vemos nem ouvimos ninguém perguntar, por exemplo, para que matemática ou física, para que geografia ou geologia, para que história ou sociologia, para que biologia ou psicologia, para que astronomia ou química, para que pintura, literatura, música ou dança? Mas todo mundo “acha” muito natural perguntar: para que filosofia? Em geral, essa pergunta costuma receber uma resposta irônica, conhecida dos estudantes de filosofia: “a filosofia é uma ciência com a qual e sem a qual o mundo permanece tal e qual”. Ou seja, a filosofia não serve para nada. Por isso, costuma-se chamar de “filósofo” alguém sempre distraído, com a cabeça no mundo da Lua, pensando e dizendo coisas que ninguém entende e que são perfeitamente inúteis. Essa pergunta: “para que filosofia?”, tem a sua razão de ser.



[...]Para quem pensa dessa forma, o principal para a filosofia não seriam os conhecimentos (que ficam por conta da ciência) nem as aplicações de teorias (que ficam por conta da tecnologia), mas o ensinamento moral e ético. A filosofia seria a arte do bem-viver. Estudando as paixões e os vícios humanos, a liberdade e a vontade, analisando a capacidade de nossa razão para impor limites aos nossos desejos e paixões, ensinando-nos a viver de modo honesto e justo na companhia dos outros seres humanos, a filosofia teria como finalidade ensinar-nos a virtude, que é o princípio do bem-viver.[...].

Essa definição da filosofia, porém, não nos ajuda muito. De fato, mesmo para ser uma arte moral ou ética, ou uma arte do bemviver, a filosofia continua fazendo suas perguntas desconcertantes e embaraçosas: o que é o homem?; o que é a vontade?; o que é a paixão?; o que é a razão?; o que é o vício?; o que é a virtude?; o que é a liberdade?; como nos tornamos livres, racionais e virtuosos?; por que a liberdade e a virtude são valores para os seres humanos?; o que é um valor?; por que avaliamos os sentimentos e ações humanas?

Assim, mesmo se disséssemos que o objeto da filosofia não é o conhecimento da realidade, nem o conhecimento da nossa capacidade para conhecer, mesmo se disséssemos que o objeto da filosofia é apenas a vida moral ou ética, ainda assim o estilo filosófico e a atitude filosófica permaneceriam os mesmos, pois as perguntas filosóficas o que, por que e como permanecem.”

Portanto, buscar uma utilidade imediata na filosofia, dificilmente será encontrado, mas nem por isso se pode afirmar que ela não tenha utilidade ou que não sirva para algo. O conhecimento que a filosofia se propõe, produz resultados na vida do indivíduo, pois orienta as suas ações, tanto no plano individual, como também no social. MARCONDES e FRANCO, ao comentarem sobre o pensamento filosófico, afirmam:

“Dificilmente o pensamento filosófico produz resultados práticos imediatos para o próprio filósofo ou para a sociedade; seu objetivo não é a produção de determinados efeitos. Como disse Nietzsche, o filósofo se esforça por compreender o que seus contemporâneos se contentam em viver. A compreensão do filósofo é anterior à dos homens de seu próprio tempo, e esse é um dos motivos por que a maioria dos filósofos só é reconhecida postumamente.”

Tendo em vista que nem todos serão filósofos, de que forma então a filosofia pode contribuir na formação do professor? Como ela pode dar suporte às ações de prática docente?

Retomemos um pouco a história da filosofia, para lembrarmos que ela nasce num momento, em que as primeiras explicações do mundo eram baseadas em narrativas míticas. Quando o homem percebeu que as explicações míticas não satisfaziam suas

necessidades, até por conta de uma série de eventos históricos ocorridos ao longo de centenas de anos, como as navegações, a invenção do alfabeto, da escrita, da moeda, a criação da polis (cidade), este buscou algo mais racional para explicar a sua realidade, algo que pudesse ser compreendido por todos. Portanto, a filosofia nasce da inquietação, da não aceitação, do questionamento, da dúvida, da busca de respostas e é esse viés, que permanece até os dias atuais. É esta a busca também que se espera do educador: ser inquieto, instigante, questionador. Mas não é um questionar, indagar, só por questionar ou indagar, para não cair no senso comum de um ceticismo vulgar. É um indagar em busca de respostas, de reflexão e formação de um pensamento racional, totalizante, compreensível, coerente, feito de forma diária e constante.

Quando a palavra filosofia foi usada pela primeira vez por Pitágoras, este ao ser questionado se era um sábio, respondeu que não, que era um filósofo, uma amante, amigo da sabedoria. E assim, entre outros aspectos, filósofo é aquele que busca incessantemente o conhecimento, que ama o saber e acredita estar crescendo intelectualmente, crente inclusive, que quanto mais se busca o saber, menos tem a certeza de que sabe alguma coisa, tal qual afirmara Sócrates quando disse que “só sei que nada sei”. Portanto, a origem do conhecimento racional e por consequência da educação, encontra-se na filosofia suas raízes, pois ela é mãe de todos os saberes que lhes são derivados.

Por isso, que a filosofia e a educação andam juntas, de mãos dadas. Não há como o profissional da educação ser um bom profissional se ele não for construído, sustentado em bases sólidas de conhecimento, sendo que nesse sentido a filosofia irá contribuir em muito para essa formação. A filosofia desempenha um papel fundamental e imprescindível na formação do Educador, pois ajuda na sua reflexão, no seu senso crítico, papel este também buscado pela educação, pelas escolas, que é formar um cidadão crítico, consciente do mundo em que vive e que possa influir de maneira positiva nas relações sociais, sejam elas políticas, econômicas ou apenas de convívio.

Em linha semelhante, ao que aqui se expõe, de que a filosofia contribui para uma reflexão crítica, SAVIANI comenta o que seja reflexão, enquanto saber diferenciado das opiniões simples do cotidiano:

“E que significa reflexão? A palavra nos vem do verbo latino “Yeflectere” que significa “voltar atrás”. É, pois, um repensar, ou seja, um pensamento em segundo grau. Poderíamos, pois, dizer: se toda reflexão é pensamento, nem todo pensamento é reflexão. Esta é um pensamento consciente de si mesmo, capaz de se avaliar, de verificar o grau de adequação que mantém com os dados objetivos, de medir-se com o real. Pode aplicar-se às impressões e opiniões, aos conhecimentos científicos e técnicos, interrogando-se sobre o seu significado. Refletir é o ato de retomar, reconsiderar os dados disponíveis, revisar, vasculhar numa busca constante de

significado. É examinar detidamente, prestar atenção, analisar com cuidado. E é isto o filosofar. Até aqui a atitude filosófica parece bastante simples, pois uma vez que ela é uma reflexão sobre os problemas e uma vez que todos e cada homem têm problemas inevitavelmente, segue-se que cada homem é naturalmente levado a refletir, portanto, a filosofar.”

A filosofia como suporte para a reflexão crítica do educador, assume uma maior importância, quando se discute, por exemplo, o papel da escola na vida dos indivíduos. Para além da transmissão de conhecimentos, tem sido apontada, a formação de um cidadão crítico, autônomo, que seja capaz de fazer reflexões e que tenha a consciência de seus direitos e deveres. Interessante artigo publicado na internet, FREITAS (2011), ao falar da função social da escola e a formação do cidadão, no qual esta afirma que cabe a escola formar cidadãos que sejam “[...] capazes de compreender a realidade em que vivem preparados para participar da vida econômica, social e política do país e aptos a contribuir para a construção de uma sociedade mais justa [...]”. A mesma autora ainda comenta que a “[...] função básica da escola é garantir a aprendizagem de conhecimentos, habilidades e valores necessários à socialização do indivíduo [...]”.

Desta forma, pode-se afirmar que a escola, por seus professores, deverá proporcionar aos alunos o domínio, não só da escrita, da leitura e interpretação, mas deverá inserir em suas propostas conteúdos culturais básicos, das ciências, das artes, das letras e também de temas transversais que façam parte da vida em sociedade.

“A escola, dentro das concepções modernas de educação, tem, portanto, uma função social. Para OLIVEIRA, MORAES e DOURADO, a escola, no desempenho de sua função social de formadora de sujeitos históricos, precisa ser um espaço de sociabilidade que possibilite a construção e a socialização do conhecimento produzido, tendo em vista que esse conhecimento não é dado a priori. Trata-se de conhecimento vivo e que se caracteriza como processo em construção. A educação, como prática social que se desenvolve nas relações estabelecidas entre os grupos, seja na escola ou em outras esferas da vida social, se caracteriza como campo social de disputa hegemônica, disputa essa que se dá “na perspectiva de articular as concepções, a organização dos processos e dos conteúdos educativos na escola e, mais amplamente, nas diferentes esferas da vida social, aos interesses de classes” (FRIGOTTO). Assim, a educação se constitui numa atividade humana e histórica que se define na totalidade das relações sociais.”

Portanto, é pensando nessa função social, de preparar um cidadão crítico, autônomo, que seja capaz de fazer reflexões e que tenha a consciência de seus direitos e deveres, que a filosofia vai assumir uma importância de suporte e que irá contribuir na reflexão crítica do educador.

Mas para atingir esse objetivo, o professor precisa ser autônomo, capaz de fazer reflexões e que tenha a consciência de seus direitos e deveres. Portanto, não basta ao professor o domínio somente de sua área de formação, ele precisa de outros saberes para formar uma visão de conjunto da sociedade em que vive. E é, nesse contexto, que surge a importância da Filosofia para o professor, pois como afirma André COMTE-SPONVILE “a filosofia é uma prática discursiva (ele procede “por discursos e raciocínios”) que tem a vida por objeto a razão por meio e a felicidade por fim. Trata-se de pensar melhor para viver melhor”

Veja-se, por exemplo, que a formação crítica dos alunos e a sua autonomia, esta definido no artigo 35 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. No art. 35, há a afirmação de que o ensino médio é a etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos e terá como finalidades:

I a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;

II a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;

III o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico.” (grifos nosso).“

Para atingir esses e outros objetivos, fica claro que a escola precisa ter um norte, um caminho a ser seguido, estabelecendo de forma objetiva o que se quer atingir em cada etapa do ensino. Esses objetivos, no entanto, não são fruto apenas de uma política de estado ou da forma como equipe de direção, equipe pedagógica ou professores acham que deve ser atingido cada um atuando de forma isolada e “cumprindo o seu papel” – mas, para além disso, é um planejamento que envolve todos da comunidade escolar, aí entendido o pessoal administrativo, pessoal de apoio, corpo docente, corpo discente, equipe de direção, equipe pedagógica, conselho escolar, associação de pais e mestres, de forma que todo o planejamento escolar reflita os interesses da escola e da comunidade em que ela está inserida.

Dessa concepção de construção múltipla de objetivos, estão implícitas algumas ações, como o pensar, o refletir, como algo capaz viabilizar na prática aquilo que se pensa na teoria, e a filosofia vai possibilitar essa visão, se bem trabalhado dentro dos currículos de licenciatura, pois o professor poderá alcançar uma visão holística, totalizante, e não fragmentária, em diversos assuntos.

A filosofia tem esse poder de promover a suspensão de juízos <sup>4</sup>, levando o indivíduo muitas vezes a duvidar das próprias crenças, de conceitos pré-concebidos e nunca antes questionados. Quando o educador consegue romper com os conceitos pré-formados, quando ele incorpora novos valores ou mesmo quando ele se abre a outras possibilidades e modo de enxergar o mundo, consegue ver o outro também de forma diferente, é capaz de compreender as diferenças e diminuir, por exemplo, a forma preconceituosa como via certos assuntos. Por isso que afirmamos anteriormente que a filosofia é indispensável para o educador. Em monografia sobre o tema que aqui se discute SCARIOTTO afirma:

“A filosofia deve ter um lugar privilegiado na vida humana, pois além de possibilitar a racionalidade, sempre esteve na origem das mudanças decisivas na história da humanidade, por isso não é inútil como pensam. Tem como objetivo a totalidade das coisas, desde as raízes, as causas primeiras até as últimas. Tudo o que diz respeito a vida refere-se à Filosofia e torna-se ponto de partida de sua reflexão. Ajuda a desvendar os horizontes obscuro e incompreensível para o homem comum, que pouco questiona sobre os sentidos das coisas. A Filosofia é uma atividade humana indispensável. Pode nos livrar do conceito de juízos antecipados, de uma abordagem superficial da realidade, fruto da limitação da compreensão humana, sustentada por aparências, às quais o homem se apega facilmente. Se a filosofia está começando a encontrar novamente um lugar no ensino é porque educadores descobriram que os jovens podem se encantar com ela e que ela contribui significativamente para seu desenvolvimento educacional. Talvez em nenhum outro lugar a Filosofia seja mais bem vinda do que na sala de aula. Toda disciplina parece ser mais fácil de aprender quando seu ensino é inspirado pelo princípio aberto, crítico e de rigor lógico característico da Filosofia, ajudando os alunos a refletirem efetivamente sobre os valores que constantemente são importantes para eles.”

Esse suporte que a filosofia dá ao educador irá facilitar também seu trabalho em sala de aula e que no conjunto com as outras disciplinas poderão cumprir com aquilo que a Lei trás como uma das metas da educação que é “o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico.” (LDB, art. 34, inciso III). Daí que a filosofia não é importante só para o professor, mas também para os alunos.

“[..]. As teorias são importantes para a formação do professor. Todo professor deveria ter em mente tais teorias para aperfeiçoar seu desempenho em sala de aula; estudar teorias, através da Filosofia da Educação, adentrando em filosofias atuais proporciona ao mestre qualidade no seu desempenho enquanto professor. Pensar sobre a formação do educador em nosso tempo consiste num grande desafio. A educação assume faces diferentes em cada período histórico, mas a essencialidade do professor em buscar a interação com seu aluno não modificou. Para o aluno, que

está numa evolução de conhecimento, de aprendizagem, a Filosofia é a essencialidade de sua busca do saber. A Filosofia estimula o pensamento, o estudo, o relacionamento humano e a liberdade da mente. A filosofia ajuda a partir do momento em que oferece subsídios suficientes para o desenvolvimento do aluno na atividade intelectual para pensar. É imprescindível conhecer os filósofos, suas histórias, seus pensamentos, pois, são exemplos de homens que chegaram à uma realização, à uma busca pela verdade. São exemplos de como o aluno pode conseguir compreender o seu redor, de como a reflexão é importante para uma sociedade que anseia, e de como a autocrítica é de sumo valor para a sua maturidade. A Filosofia é fundamental na vida de todo ser humano, visto que proporciona a prática de análise, reflexão e crítica em benefício do encontro do conhecimento do mundo e do homem. O educando, tendo a filosofia como companheira, se torna em um indivíduo de bom discernimento, de bom senso, possível a uma auto avaliação e sempre buscara o novo.”

A filosofia assim entendida irá contribuir para a emancipação do próprio professor, sendo uma ferramenta de suporte, não só para a prática da educação em sala de aula, mas também no seu convívio escolar com outros educadores e na vida social.



**AULA**  
**02**

## 2 - FILOSOFIA ANALÍTICA E FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Em que consiste a filosofia da educação? A resposta a esta pergunta pode variar, dependendo do que se entende por filosofia (e, naturalmente, também do que se entende por educação, mas a própria conceituação de educação já envolve um certo filosofar sobre a educação). Ao leigo pode parecer incrível que filósofos profissionais não tenham conseguido chegar a um acordo a respeito do que seja a filosofia, isto é, acerca de seu próprio objeto de estudo, mas esta é a pura verdade. A questão da natureza e da tarefa da filosofia já é, ela própria, um problema filosófico, e, como tal, comporta uma variedade de respostas. A muitos pode parecer que esta proliferação de respostas seja indicativa do próprio fracasso da filosofia. Outros vêem nesta situação a grande riqueza do pensamento humano, que, para cada problema que lhe é proposto, é capaz de imaginar uma variedade de soluções, todas elas, em maior ou menor grau, razoáveis e dignas de consideração, e todas elas contribuindo, de uma maneira ou de outra, para uma compreensão mais ampla e profunda dos problemas com que se depara o ser humano. Não cremos, portanto, ser impróprio oferecer uma tentativa de "definição" da filosofia, se se mantém em mente que esta sugestão de definição não é feita dogmaticamente, como se fosse a única possível, ou mesmo a única razoável. Outras propostas de definição da filosofia existem que são plausíveis e razoáveis, e que, possivelmente, ao invés de se contraporem àquela que vamos sugerir, como alternativas, justapõem-se a ela como maneiras complementares de ver a filosofia.

### 2.1. Filosofia Analítica

A filosofia, do ponto de vista pólo analítico, é aquela atividade reflexiva, realizada, através de análise e de crítica, pelo ser pensante, no exame do significado e dos fundamentos de conceitos, crenças, convicções e pressuposições básicas, mantidos por ele próprio ou por outros seres pensantes. Essa caracterização geral da filosofia deixa entrever que a atividade filosófica é uma atividade reflexiva de segunda ordem. O que se quer dizer por isto? Quer-se dizer que a filosofia pressupõe outros tipos de atividade, na verdade outros tipos de atividade reflexiva, como a ciência, a história, a religião, a política, etc., e mesmo o chamado senso comum. Por exemplo: o objeto de reflexão do cientista natural é, em linhas gerais, a natureza; o do historiador é a história; e assim por diante. Essas atividades de reflexão são de primeira ordem: concentram-se em diferentes aspectos da realidade, ou do "ser". Elas partem, naturalmente, de certas pressuposições (por exemplo, de que os fenômenos do mundo natural estão causalmente relacionados, de que é possível



ter conhecimento de eventos que não são mais objetos de nossa possível percepção, como é o caso de eventos históricos, etc.), e resultam em certas crenças e convicções (como, por exemplo, acerca da natureza da matéria, ou a respeito de uma certa seqüência de eventos históricos). O filósofo analítico não reflete sobre as mesmas coisas que são objeto de reflexão por parte do cientista natural e do historiador -se o fizesse, estaria deixando de ser filósofo e passando a ser cientista natural ou historiador (algo, por sinal, perfeitamente possível). Ele reflete sobre as reflexões do cientista natural e do historiador, buscando trazer à tona (se necessário for), elucidar, e criticamente examinar os conceitos e as pressuposições básicas destes últimos, procurando, no processo, entender seus modos de argumentação e inferência, etc. Em poucas palavras, a filosofia analítica é reflexão (de um certo tipo) sobre a reflexão, é o pensamento pensando sobre si próprio. Para dar um tom mais contemporâneo a essa caracterização, poderíamos dizer que, desde que a reflexão e o pensamento se expressam através de linguagem, através do discurso humano, em suas várias manifestações, a filosofia analítica é discurso sobre o discurso: o filósofo reflete, não sobre a natureza e a história (para continuar com nossos exemplos anteriores), mas sim sobre o que cientistas naturais e historiadores dizem acerca da natureza e da história. Por isso é que chamamos a atividade filosófica de uma atividade reflexiva de segunda ordem: ela se exerce sobre outras atividades reflexivas, que se constituem, portanto, no objeto da filosofia.

É necessário, porém, ressaltar que nem toda atividade reflexiva de segunda ordem é, necessariamente, filosófica. O sociólogo, por exemplo, ou o psicólogo, pode refletir sobre a atividade do cientista, e sobre ela fazer e responder perguntas que sejam estritamente sociológicas, ou psicológicas, e não filosóficas. A sociologia da ciência não faz as mesmas perguntas sobre a atividade do cientista que são feitas pela filosofia da ciência. Se, porém, há outros tipos de atividade reflexiva de segunda ordem, além da filosófica, o que é que caracteriza as perguntas distintamente filosóficas? A resposta já está contida no que foi dito acima: a filosofia busca elucidar e examinar criticamente os conceitos, as convicções e pressuposições básicas, os modos de argumentação e inferência, etc. existentes dentro de uma dada área de atividade intelectual.

Assim sendo, um psicólogo pode fazer vários tipos de pergunta acerca da atividade científica: Como é que, do ponto de vista psicológico, alguém chega a descobrir ou formular uma lei ou uma teoria? Quais os mecanismos psicológicos que estão envolvidos na criatividade e inventividade científicas? É a criatividade científica diferente, do ponto de vista psicológico, da criatividade artística? Da mesma maneira, um sociólogo pode perguntar sobre a relação existente entre ciência e sociedade, acerca da medida em que teorias científicas são condicionadas pelo meio-ambiente em que aparecem, a respeito do papel da ciência e do cientista na sociedade, etc. As perguntas que o filósofo que reflete sobre a ciência faz, porém, são do seguinte tipo: O que se entende por ciência? Quais são

os critérios de cientificidade? O que diferencia teorias científicas de outros tipos de teoria (digamos, teorias metafísicas e especulativas)? O que leva cientistas a considerar uma teoria melhor do que a outra, quando ambas se propõem a explicar os mesmos fenômenos? Qual a relação entre teoria e observação? Existe verdade na ciência, ou apenas probabilidade? O alvo da ciência é produzir teorias altamente prováveis ou pouco prováveis, mas de alto poder explicativo e preditivo? Existe objetividade e racionalidade na ciência? Se não, por quê? Se sim, em que sentido e em que medida? E assim por diante.

## 2.2. Filosofia da Educação

Mas falemos agora em filosofia da educação. A filosofia analítica da educação, seguindo a caracterização apresentada nos parágrafos anteriores, não discorre sobre o fenômeno da educação, como tal, mas sim sobre o que tem sido dito acerca desse fenômeno (por exemplo, por sociólogos da educação, psicólogos da educação, ou por qualquer pessoa que reflita sobre a educação). Não resta a menor dúvida de que uma das primeiras e mais importantes tarefas da filosofia da educação, a partir da caracterização da tarefa da filosofia sugerida acima, é a análise e clarificação do conceito de "educação". Fala-se muito em educação. "Educação é direito de todos", "educação é investimento", "a educação é o caminho do desenvolvimento", etc. Mas o que realmente será essa educação, em que tanto se fala? Será que todos os que falam sobre a educação usam o termo no mesmo sentido, com idêntico significado? Dificilmente. É a educação transmissão de conhecimentos? É a educação preparação para a cidadania democrática responsável? É a educação o desenvolvimento das potencialidades do indivíduo? É a educação adestramento para o exercício de uma profissão? As várias respostas, em sua maioria conflitantes, dadas a essas perguntas são indicativas da adoção de conceitos de educação diferentes, muitas vezes incompatíveis, por parte dos que se preocupam em responder a elas. Este fato, por si só, já aponta para a necessidade de uma reflexão sistemática e profunda sobre o que seja a educação, isto é, sobre o conceito de educação.

Assim que se começa a fazer isso, porém, percebe-se que a tarefa de clarificação e elucidação do conceito de educação é extremamente complexa e difícil. Ela envolve não só o esclarecimento das relações existentes ou não entre educação e conhecimento, educação e democracia, educação e as chamadas potencialidades do indivíduo, educação e profissionalização, etc. Envolve, também, o esclarecimento das relações que porventura possam existir entre o processo educacional e outros processos que, à primeira vista, parecem ser seus parentes chegados: doutrinação, socialização, aculturação, treinamento, condicionamento, etc. Uma análise que tenha por objetivo o esclarecimento do sentido dessas noções, dos critérios de sua aplicação, das suas implicações, e da sua relação entre

si e com outros conceitos educacionais é tarefa da filosofia da educação e é condição necessária para a elucidação do conceito de educação.

Mas há ainda uma outra família de conceitos que se relaciona estreitamente com a educação: a dos conceitos de ensino e aprendizagem. Qual a relação existente entre educação e ensino, entre educação e aprendizagem, e entre ensino e aprendizagem? Façamos uma lista de possíveis perguntas a serem feitas acerca do relacionamento dessas noções:

- Pode haver educação sem que haja ensino?
- Pode haver educação sem que haja aprendizagem?
- Pode haver ensino sem que haja educação?
- Pode haver aprendizagem sem que haja educação?
- Pode haver aprendizagem sem que haja ensino?
- Pode haver ensino sem que haja aprendizagem?

Tem-se criticado muito uma visão da educação que coloca muita ênfase no ensino (e, conseqüentemente, no professor). O importante, afirma-se, não é o ensino, e sim a aprendizagem. Os mais exagerados chegam quase a afirmar: "Morte ao ensino! Viva a aprendizagem!" Outros fazem uso de certos slogans meio obscuros: "Toda aprendizagem é auto-aprendizagem". Incidentalmente, faz-se muito uso, em livros e discursos sobre a educação, de slogans cujo sentido nem sempre é muito claro. Um outro slogan muito usado, nesse contexto, é o seguinte: "Não há ensino sem aprendizagem". Parece claro que, para poder julgar quanto à verdade ou à falsidade dessas afirmações, é indispensável que os conceitos de ensino e aprendizagem tenham sentidos claros e específicos -o que, infelizmente, não acontece com muita freqüência. É necessário, portanto, que o sentido desses conceitos seja esclarecido e que sua relação com o conceito de educação seja elucidada, e a filosofia da educação pode ser de grande valia nessa tarefa.

Para terminar essa primeira parte, que tem por finalidade caracterizar a filosofia da educação, dentro da perspectiva mais geral de uma visão da filosofia que foi explicitada nos primeiros parágrafos, deve-se fazer menção de um outro conjunto de problemas relacionado, de alguma forma, com os já mencionados, mas que, por razão de espaço, não será explicitamente discutido: a questão da relação entre educação e valores. Este problema tem vários aspectos. Um deles é o seguinte: é tarefa da educação transmitir valores? Muitos já observaram que, seja ou não tarefa da educação transmitir valores, ela de fato os transmite, pelo menos de maneira implícita. Outros afirmam que, embora seja tarefa da educação transmitir valores, a educação moral, como às vezes é chamada a transmissão de valores através da educação, não é tarefa da educação escolar, isto é, da

educação que se realiza no âmbito de uma instituição chamada escola, e sim da educação que tem lugar no contexto da família, ou talvez, se for o caso, da igreja. Esta resposta levanta, em um contexto específico, o problema mais amplo da relação entre educação e escola. Para muitos, quando alguém está falando em educação está, automaticamente, falando em escolas, e vice-versa. Mas a educação certamente parece ser algo que transcende os limites da escola, e hoje em dia fala-se muito em "educação sem escolas". Os proponentes do ponto de vista que mencionamos acima acreditam que pelo menos uma parte da educação, aquela que diz respeito à transmissão de valores, deve ser levada a efeito fora da escola. Todos esses problemas são complexos, e embora a filosofia da educação não tenha respostas prontas para eles, ela pode contribuir muito para sua solução satisfatória, ajudando na elucidação e clarificação dos principais conceitos envolvidos nesse conjunto de problemas.

Antes de passarmos para a segunda parte deste trabalho, duas pequenas observações. A primeira é um lembrete de que os problemas aqui mencionados como sendo do âmbito da filosofia da educação de maneira alguma esgotam as questões a que um filósofo da educação, como tal, pode se dirigir, mesmo que ele seja partidário da conceituação de filosofia e filosofia da educação aqui proposta. Há uma série de outros problemas, a que não se fez referência, que estão, legitimamente, dentro da província da filosofia da educação como aqui conceituada. No que foi esboçado acima e no que será discutido abaixo temos apenas uma amostra de como alguns conceitos educacionais podem ser analisados filosoficamente.

Em segundo lugar, não se pode esquecer que a caracterização da filosofia da educação aqui apresentada é uma caracterização possível, que é sugerida a partir de uma conceituação analítica da filosofia, a qual não é, de maneira alguma, a única possível. Muitos filósofos discordam da orientação sugerida aqui e apresentam, conseqüentemente, uma visão diferente da natureza e tarefa da filosofia da educação. Em muitos dos casos a visão por eles sugerida apenas complementa (e não substitui) a apresentada no presente trabalho. Em outros casos é bem possível que as concepções sejam mutuamente exclusivas. Nos últimos parágrafos faremos menção do nosso ponto de vista acerca da relação entre a filosofia da educação e a teoria da educação, segundo o qual muita coisa que foi e é apresentada como filosofia da educação deve ser colocada no âmbito da teoria da educação. Contudo, é apenas no contexto de discussões acadêmicas acerca do conceito de filosofia da educação que faz alguma diferença designar posições acerca da educação como pertencentes à teoria, e não à filosofia da educação.

Embora a lógica talvez pudesse recomendar que começássemos com o conceito de educação, quer nos parecer que, do ponto de vista didático, seja mais recomendável que a discussão desses conceitos educacionais básicos seja iniciada pelos conceitos de ensino e

# PARABÉNS!!!

**VOCÊ ACABOU DE LER O NOSSO CONTEÚDO!**

Esta apostila é exclusiva para os alunos do Instituto de Teologia Logos... Se você ainda não está estudando conosco, nós estamos lhe oferecendo uma oportunidade de fazer sua inscrição com um excelente desconto e alguns bônus especiais.

Você só precisa clicar no link abaixo (ou copiar em seu navegador) para acessar nosso site e conhecer os cursos que estão disponíveis hoje!

**:: CURSOS DE TEOLOGIA ::**

[www.institutodeteologialogos.com.br/cursos-de-teologia](http://www.institutodeteologialogos.com.br/cursos-de-teologia)

**:: BLOG DE TEOLOGIA ::**

[www.institutodeteologialogos.com.br/blog-de-teologia](http://www.institutodeteologialogos.com.br/blog-de-teologia)